

CARMINA DE MATOS

DESDE 1938

HISTÓRIA

1938 - O ANO DA INAUGURAÇÃO

O ano de 1938 experienciou, do ponto de vista internacional, as dinâmicas e mobilidades que antecederam a IIª Guerra Mundial. Em Fevereiro, Adolf Hitler assume a pasta de Guerra alemã para, em Março, tropas sob seu comando entrarem na Áustria que é declarada parte do Reich.

Mais tarde, na conferência de Munique realizada entre Chamberlain, Daladier, Hitler e Mussolini, decide-se atribuir os sudetas à Alemanha, enquanto as restantes fronteiras da Checoslováquia seriam respeitadas, vindo os Sudetas a serem ocupados pela Alemanha em Outubro.

Em Novembro iniciam-se as perseguições aos judeus na Alemanha, com o incêndio na sinagoga de Berlim na noite de 08 para 09. No mês seguinte, firma-se o pacto franco-alemão sobre a inviolabilidade das fronteiras enquanto em Itália a Câmara dos Deputados é transformada na Câmara dos Fascistas e das Corporações. Ainda neste mês, a Itália denuncia o acordo com a França de 1935, enquanto em Espanha o General Franco inicia a ofensiva na Catalunha.

Apesar do horizonte negro, vários sectores da sociedade acusam significativos progressos. Assim, na Ciência e Tecnologia, Karrer sintetiza a vitamina

E, enquanto na Alemanha é descoberto o plástico perlon e os irmãos húngaros, László e Georg Biró, inventam a esferográfica.

Na pintura, Pablo Picasso conclui três obras de referência: A Rapariga com o Galo, Retrato de Maya e Natureza Morta com Cabeça de Touro Vermelho. Na literatura Pearl. S. Buck (EUA) vence o Prémio Nobel e, ao nível do espectáculo, se destaca a realização da Feira Mundial de Nova Iorque ou a estreia do filme As Aventuras de Robin dos Bosques, de M. Curtiz. No desporto, a Itália sagra-se campeã mundial de futebol.

Em Portugal vivem-se os primeiros anos do regime ditatorial que vigorará até 1975. Não obstante, em Janeiro correm boatos apontando para a possibilidade de eclodir um golpe militar contra o Estado Novo, devido à contestação das Forças Armadas pelas reformas introduzidas por Oliveira Salazar.

Em Março, e em nota oficiosa de publicação obrigatória pela Imprensa, Salazar divulga ao país e ao mundo os objectivos e o primeiro esboço do programa geral das Comemorações do Duplo Centenário da Fundação e da Restauração (a realizar em 1940).



RESTAURANTE
TABERNA
BAR

Morada Praça 8 de Maio, n.º 2, 3000-302 Coimbra
Tel. (+351) 239 823 510 • E-mail carminadematos@gmail.com
www.carminadematos.com

A ditadura estava em plena ascensão. Assim, e na penúltima sessão da sua primeira legislatura a Assembleia Nacional decide, por proposta do deputado Correia Pinto, assinalar mais um aniversário da nomeação de Oliveira Salazar para o cargo de ministro das finanças de um governo da Ditadura Militar, atribuindo-lhe o título de Benemérito da Pátria.

Porém, o ano não se cinge a acontecimentos políticos. De facto, em 1938 cumpriram-se os 438 anos (1500-1938) da descoberta do Brasil por Pedro Álvares Cabral. Em Maio assinala-se uma grandiosa manifestação de fé na Cova da Iria, em Fátima, e em Novembro é criado por Decreto-Lei, sob a designação de Ordem dos Médicos, o Sindicato Nacional dos Médicos de Portugal.

Neste ano ocorre, também, a Inauguração da Emissora Nacional. Na literatura Vitorino Nemésio lança O Bicho Harmonioso enquanto Fernando Namora apresenta As Sete Partidas do Mundo. No cinema estreiam o filme Aldeia da Roupa Branca, um grande sucesso do dramaturgo, jornalista e cineasta, Chianca de Garcia.

Ao nível local, o ano inicia-se com uma nova Câmara Municipal a chefiar os destinos municipais, presidida pelo Dr. Ferrand de Almeida, que entre outras medidas se propõe combater a lastimosa situação em que se encontra a cidade ribeirinha, sujeita a frequentes e prejudiciais inundações.

Os Serviços de Turismo em Coimbra acusam grande actividade, pelas obras realizadas através das Comissões de Iniciativa: Jardins da Cidade, Penedo da Saudade, Vale de Canas, Avenidas Sá da Bandeira e Dr. Júlio A. Henriques ou a Praia Fluvial. Factos que merecem do povo vivos elogios, verberando, em sentido contrário, o estado de abandono do Jardim da Manga.

A imprensa local e regional assinala a expansão da área edificada da cidade para novos pontos da sua periferia: bairros de S. José, Bica da Cheira, Santa Teresa, Cidral, Av. Dias da Silva, Quintas dos Sardões e S. Jerónimo (na Cumiada) e constata-se a importância da viação eléctrica (eléctricos) para a desejada continuidade do desenvolvimento urbano.

Um ano em que se assinalou o 3.º aniversário da Casa dos Pobres, bem como os 63 da ponte metálica de Santa Clara e os 98 sobre a inauguração do sistema de iluminação pública com lâmpões de azeite. Tempo, também, de reconhecimentos: Eugénio de Castro é homenageado, em Maio, na

Sala dos Capelos pela Associação de História de Espanha; em Junho, a Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra homenageia o historiador Augusto Mendes Simões de Castro e o poeta e prosador Manuel da Silva Gaió; enquanto em Dezembro, o pessoal da PSP promove homenagem ao capitão Rafael Sérgio Vieira (Comandante) e ao Capitão Carlos Maria do Carmo (ex-comandante).

No verão, a Escola Superior de Farmácia realiza o seu I.º Curso de Férias e comemoram-se os 100 anos da excursão à Serra da Lousã promovida pelo Dr. Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

No dia 6 de Julho a cidade testemunha um dos momentos de maior tristeza da sua história cobrindo várias famílias de luto: 13 pessoas perecem no simulacro de um fogo e numa casa de madeira construída para o efeito, na Praça da República, integrado no Programa das Festas da Rainha Santa. Uma desgraça que não será a única, uma vez que no final do ano, um incêndio nas Fábricas Triunfo, na Rua dos Oleiros, causa milhares de contos de prejuízo lançando dezenas de operário na miséria.

Mas a vida continua. E são boas as notícias que nos chegam nos meses seguintes com a inauguração de vários melhoramentos em Antuzede e S. Facundo - reparação da igreja, construção de campanário, alargamento e calçamento da rua principal, reparação da fonte e cemitério - ou a inauguração das escolas primárias de Botão e Cioga do Monte.

Em Outubro, uma comissão nomeada pela Associação Comercial e Industrial de Coimbra entrega ao Ministro das Obras Públicas e Telecomunicações, em Lisboa, uma representação solicitando a transformação do Bairro Baixo da Cidade através da implementação de um plano que, entre outras coisas, defenda a cidade contra as cheias, tome medidas de higiene e de alargamento de vias de comunicação.

No entanto, 1938 seria também um ano muito especial para a história dos estabelecimentos comerciais da baixinha, com a inauguração, a 16 de Abril, na Praça 8 de Maio (n.º 2 a 10) da pensão e restaurante Carmina de Matos após concessão pela Câmara Municipal do alvará de licença n.º 7/1938 - a que mais tarde se veio juntar o Café Nicola, que abriu ao público em Novembro do mesmo ano.



ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DA ÁREA ENVOLVENTE

DA PRAÇA 8 DE MAIO À RUA DIREITA

O restaurante Carmina de Matos localiza-se na extremidade noroeste da Praça 8 de Maio, um dos principais largos da Cidade de Coimbra, que se define em frente da Igreja do Mosteiro de Santa Cruz. Templo que integra o espaço monástico fundado pelos cónegos regrantes de Santo Agostinho entre 1123-1129, designadamente, pelos seus principais impulsionadores: D. Telo, D. João Peculiar e S. Teotónio, tendo a primeira pedra do complexo monástico sido lançada a 28 de Junho de 1131.

Um mosteiro que o nosso primeiro monarca, D. Afonso Henriques, protegeu e desenvolveu, tornando-o centro da sua governação ao mesmo tempo que promovia Coimbra a capital do reino - ali se fazendo sepultar, tal como seu filho D. Sancho I, razão pela qual é panteão nacional.

De forma trapezoidal, para ele confluem alguns dos mais antigos e característicos arruamentos da Baixinha, designadamente, de Norte para Oeste e no sentido dos ponteiros do relógio: Rua Martins de Carvalho, Rua Visconde da Luz, Rua do Corvo, Rua da Louça, Rua da Moeda, Rua Direita, Rua da Sofia e Rua Olímpio Nicolau Rui Fernandes.

Este espaço foi reconfigurado urbanisticamente pelo Mosteiro de Santa Cruz, no início do século XV, quando o prior D. Afonso Martins mandou alargar o terreiro e erguer dois chafarizes, um em cada extremidade: a Sul o de S. João, desaparecido quando o Rei D. Sebastião retirou ao mosteiro algumas nascentes para integrarem o aqueduto; a Norte o de Sansão com a estátua do herói bíblico feita em 1592 pelo imaginário Manuel Fernandes.

A área voltou a sofrer alterações no tempo de D. João III e do reformador Frei Brás de Braga, os quais, em 1527, deram início à reforma renascentista do Mosteiro de Santa Cruz e da Rua da Sofia, instituindo uma escola de ensino moderna e actualizada ao nível europeu, uma nova Universidade independente da velha, então situada em Lisboa. Tratou-se, na realidade, da mais profunda

reforma que o conjunto alguma vez sofreu, que durante décadas transformou o mosteiro (e a Rua da Sofia) num imenso estaleiro, e lhe conferiu parte da feição actual.

Posta em prática, a partir de 1527, tornou a arquitectura do Renascimento em Coimbra um centro difusor a nível nacional, fazendo de Santa Cruz, em especial, o mais vasto e diversificado laboratório apenas ultrapassado pela iniciativa centrada nos Jerónimos de Lisboa.

A reforma, que culminaria com a transferência da Universidade para Coimbra dez anos depois, foi precedida de uma reforma edificada de grande brilho e prestígio, iniciada no tempo de D. Manuel I e que incidiu sobre os quatro colégios crúzios já existentes.

Quanto ao chafariz, apesar destas transformações sobreviveu, com grande «escândalo público» e estorvo ao trânsito, ali se conservando até ser demolido em 1876, quando foram edificados os novos paços municipais.

Conhecido pelas designações de Terreiro, Largo ou Praça de Sansão foi ao longo da história o local escolhido pelos poderes instituídos para as mais diversas homenagens e manifestações públicas: refira-se a quebra dos escudos, por morte de D. Pedro II, ocorrida a 29 de Dezembro de 1706 ou a celebração pública aquando da visita do Marquês de Pombal em 1772 para reformar a Universidade.

A partir do primeiro quartel do séc. XVIII verificou-se um surto de construção nesta zona, que se prolongou pelo Séc. XIX, fazendo do terreiro ou praça uma das áreas mais apetecidas de Coimbra, local de residência dos elementos com cargos camarários e importante núcleo mercantil em articulação com a Praça.

Algumas decisões da edilidade ajudam a perceber a relevância do espaço: em 1710, declarou Sansão o local mais público para venda de pão, em 1723



procedeu a hasta pública dos baldios, em 1753 lançou pregões e procedeu a venda de madeiras. Em 1811, o Largo de Sansão foi o local designado para a venda de «galinheiras de fora» e, em 1865, ali tinham as vendedeiras de fruta os seus postos de venda, devidamente autorizadas pelo município.

A mudança de topónimo para a designação actual foi o resultado da vontade em homenagear os liberais que tombaram em nome da causa. Assim, a 4 de Maio de 1874 foi lido em sessão camarária um ofício da comissão executiva encarregada de promover o aniversário da entrada das forças liberais na cidade, a 8 de Maio de 1834, sob o comando do Duque da Terceira. Nesse documento pedia-se que o feito se perpetuasse e que a Câmara tomasse a iniciativa de atribuir ao Largo de Sansão a nova designação Praça 8 de Maio.

O pedido seria aceite e o auto solene da inauguração da mudança de nome ocorreu a 08 de Maio de 1874.

Dessa data até à actualidade, a Praça 8 de Maio esteve adornada com palmeiras, quiosques, praça de táxis e sinaleiros.

Entre 1993 e 1997, a Praça 8 de Maio foi reformulada segundo projecto de Fernando Távora. Em 1997 concluiu-se a nova fisionomia da praça, que foi devolvida a cota original.

O edifício do restaurante Carmina de Matos embora inserido, actualmente, na Praça 8 de Maio, está na entrada nascente da Rua Direita.

Uma proximidade que noutros tempos levou a que surgisse como parte integrante desta antiquíssima rua da cidade de Coimbra, que principia na Praça 8 de Maio e, no sentido Nascente Poente, termina na Rua Simões de Castro (ao Arnado), articulando-se a Norte com a Rua Nova, Rua do Arco do Ivo, Beco do Castilho e Adro de Santa Justa e, a Oeste, com Rua João de Cabreira, Beco do Bacalhau e Rua da Nogueira.

A Rua Direita ocupou, no passado, lugar relevante enquanto via de comunicação, especialmente antes da abertura da Rua da Sofia. Efectivamente por ela se estabelecia a saída da cidade para o Norte, plena de vida e movimento.

Ficava, inicialmente, dentro dos limites da paróquia de Santa Justa embora documento do ano 980, refira uma Igreja de S. Pedro, talvez situada na Rua Direita ou suas imediações.

Segundo Pinto Loureiro, a actual Rua Direita deriva de dois arruamentos diferentes ambos atestados documentalmente desde o séc. XIII: Rua da Figueira Velha – rua de Ficulnea Vetera – e Rua dos Caldeireiros – vico Caldeyrariorum.

A Rua da Figueira Velha retira o seu nome do “Sítio da Figueira Velha”, a qual como o próprio nome sugere se inseria num imenso figueiral ou junto a uma figueira. O topónimo transmitiu-se, posteriormente, a via de comunicação. As referências documentais mais antigas datam de 1236 e podem ser colhidas no conhecido Livro das Kalendas: Joao Eanes deixava à Sé vinhas na Figueira Velha, perto da freguesia de Santa Justa.

Naquele figueiral, mencionado em documentação desde o século XII, fundou-se o primitivo Mosteiro de S. Domingos, mais tarde abandonado em consequência das cheias do Mondego. A Norte do cenóbio existiu em tempos as Portas da Figueira Velha. Esta porta, localizada junto da desaparecida Capela do Santo Cristo do Arnado, designava-se também como Portas da Cidade. Dela não se conhece qualquer desenho ou descrição, mas sabe-se que marcava o limite setentrional da cidade. A mais antiga menção designa-a como Arco de Alvazir ou Área do Alvazil e encontra-se numa carta de venda de 26-VII -1191 de uma terra junto do rio, que se descreve como situada no Arnado, confrontando do poente com o rio, do norte com a Almuinha da Sé e do sul com o Arco do Alvazil.

Estas portas, que pela cidade existiam em grande número, foram uma consequência do crescimento urbano para o exterior das muralhas, designadamente de núcleos relativamente populosos em torno dos principais mosteiros do arrabalde e subúrbios. Tornadas desnecessárias, como elementos de defesa da cidade, foram sendo demolidas aos poucos, transformando-se de unidade bélica em ornamental; ou seja de portas em arcos, como muito bem regista a toponímia.

A Rua da Figueira Velha dava acesso a Estrada Real do Porto, e foi a principal via de entrada na cidade, para quem viesse do Norte, até à abertura da Rua



da Sofia no Séc. XVI. Este arruamento foi palco de importantes celebrações cívicas:

- Pela Rua da Figueira Velha entraram no ano de 1220 as relíquias dos Santos Mártires de Marrocos, conduzidas processionalmente desde o campo do Bolão, com a assistência pessoal do rei D. Afonso II e da rainha D. Urraca, relíquias essas guardadas desde então na igreja de Santa Cruz.
- Pela Porta da Figueira Velha entrou em Coimbra o rei D. Afonso V, em Maio de 1446, acompanhado do Infante D. Pedro, seu tio e tutor, primeiro Duque de Coimbra, acompanhados da Infanta D. Isabel, noiva do rei, aí tendo sido esperados e recebidos pela Câmara e pelo bispo D. Luís Coutinho.
- Pela Rua da Figueira Velha – e não pela porta que já não existiria a esse tempo – entrou também no reinado de D. João III a famosa embaixada do Preste João, da Abissínia.

A mais antiga referência à Rua dos Caldeireiros data de 1242, e insere a artéria na freguesia de

Santa Justa. Nela estariam arregimentados os que batiam a chapa de cobre, fazedores de caldeireiros e outras peças. Ao longo dos tempos teve outras designações como Rua da Caldeiraria (séculos XIV e XV).

Era, sensivelmente, mais pequena do que a actual Rua Direita, não excedendo o comprimento que ia do Terreiro de Santa Cruz a Porta Mourisca, ou seja, da Praça 8 de Maio à extremidade poente da Rua Nova. Depois de meados do século XV parece que caiu em desuso a denominação de Rua dos Caldeireiros. Sobre a história desta rua acrescenta-se que no decurso do século XVI terá tido o nome de Rua do Pinello, numa alusão ao famoso jurista Aires Pinhel, natural desta cidade, lente da Faculdade de Leis.

Na cidade, e no decurso dos tempos, várias artérias se designaram por Rua Direita. No entanto, esta foi a única que sobreviveu até aos nossos dias, local de residência, ao longo dos séculos, de várias actividades profissionais; advogados, mecânicos, mercadores, funcionários, lentes e fidalgos.



CURIOSIDADES HISTÓRICAS

A JUDIARIA

Na Rua Direita ficaria uma porta mourisca referida em documentação do séc. XV como rua Direita a par da porta mourisca para a Judiaria e que se localizaria no ponto de confluência das ruas João Cabreira e Rua Direita. D. Fernando ordenou que se instalasse na Rua Direita a nova Judiaria, transferindo os judeus do bairro onde habitavam – a judiaria velha – entre a Porta de Almedina e a Porta Nova, ou seja; abrangendo as actuais ruas Corpo de Deus, Martins de Carvalho e Visconde da Luz.

A porta, que já existia antes da instalação dos judeus, teria sido aproveitada para dar entrada

no novo bairro, e talvez seja o que sobrou da aruinada e desaparecida igreja de S. Pedro, a qual se localizava pelo séc. X nos subúrbios da cidade. Outras hipóteses relacionam a porta mourisca com o bairro de moçárabes que ali se instalou em meados do séc. XII, aprisionados por D. Afonso Henriques numa expedição militar a Sevilha e libertados pela intervenção de D. Teotónio.

Noutra hipótese poderia ser a entrada do bairro onde, pelos meados do séc. XII, se instalaram os Mouros que trabalhavam nas obras da Sé.

A CÂMARA MUNICIPAL

Para além do Mosteiro de Santa Cruz outros espaços relevantes na História da Cidade se encontram implantados em redor da Praça 8 de Maio. É o caso da Câmara Municipal construída entre 1876 e 1879, segundo projecto e condução das obras pelo engenheiro municipal Alexandre da Conceição, auxiliado por José Alves de Faria (mestre de obras). Para esta construção demoliram-se as

velhas casas contíguas a Santa Cruz com frente para o Largo de Sansão, a área da portaria nova do Mosteiro, incluindo a Capela do Senhor dos Passos, o claustro da portaria, algumas estruturas do tempo do Mosteiro Feminino de S. João das Donas e uma casa anexa a igreja de Santa Cruz. A primeira sessão camarária realizou-se a 13 de Agosto de 1879.

O CAFÉ SANTA CRUZ

Outro espaço emblemático da Praça 8 de Maio e da Cidade de Coimbra é o Café-Restaurante Santa Cruz, que ocupa a igreja que foi sede da antiga paróquia de S. João de Santa Cruz (também designada por Igreja de S. João das Donas).

Uma obra executada entre 1527-1530 por Diogo de Castilho que se manteve como sede paroquial até à extinção das ordens regulares masculinas em 1834, com a consequente transferência da paróquia para a Igreja do Mosteiro de Santa Cruz.

O café faz parte das rotas nacionais e internacionais pela arquitectura do espaço onde podemos observar a antiga igreja-salão com uma só nave ostentando a magnífica abóbada de nervuras curvas ou de «combados», bem como a capela-mor, pequena e quadrada, com abóbada em forma estrelada com nervura anelar, e uma porta com arco ornado que dava ligação à capela.

O corpo da igreja tem, a cada lado, duas capelas de arcos e abóbadas de volta inteira, renascentistas, tal como o arco da capela-mor. A frontaria é moderna e segue o tipo revivalista, neo-manuelino, forma arquitectónica-decorativa muito comum nas cidades portuguesas entre os finais do séc. XIX e os princípios do XX.

As origens do café, que é monumento nacional, remontam a 1920, ano em que a Junta de Paróquia da Freguesia de Santa Cruz arrendou o espaço a Adriano Ferreira da Cunha e sua esposa. Feitas as necessárias obras, conduzidas pelo arquitecto Jaime Inácio dos Santos, incluindo o revestimento de espaldares de madeira e a aplicação de vitrais, foi inaugurado oficialmente a 08.05.1923.

